

PROCESSO N°
-09/15-

REG. PROC. N°
-06-

FL. 1

FOLHA N°
-11v-



CÂMARA DE VEREADORES DO MUNICÍPIO DE LEME

Estado de São Paulo

AUTOS DE

AUT. LEI N: 05/15

PROJETO DE LEI N° 05/15

Altera a denominação do Aeródromo Municipal Gilberto Rugger Ometto.

Autor: de Ver. Osvair Antunes da Silva.

AUTUAÇÃO

Aos 02 (dois) dias do mês de fevereiro de 2015.
autuo o Projeto de Lei em frente.

Eu, _____, subscricvi

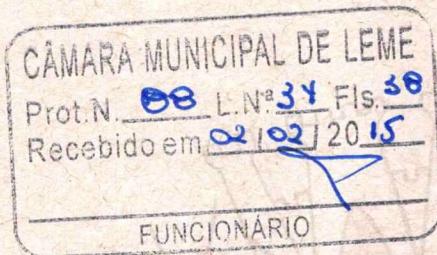
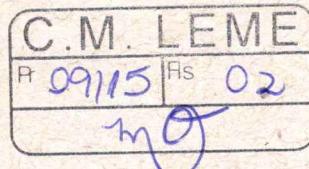
A handwritten signature in blue ink, appearing to read "JP", is placed over the bottom line where the author's name would be written.



CÂMARA DE VEREADORES DO MUNICÍPIO DE LEME
ESTADO DE SÃO PAULO

PROJETO DE LEI N° 05 /2015

Altera a denominação do Aeródromo Municipal Gilberto Rugger Ometto.



Art. 1º O Aeródromo Municipal de Leme, hoje chamado “Gilberto Rugger Ometto” por força da Lei nº 2.243, de 18 de dezembro de 1996, passa a denominar-se “Yolanda Penteado”.

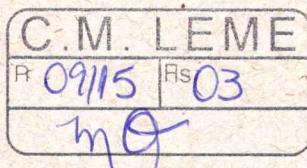
Art. 2º Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogando as disposições em contrário, em especial a Lei nº 2.243/96, mencionada no art. 1º desta.

Sala das Sessões “Professor Arlindo Fávaro”, em 30 de outubro de 2015.

Osvair Antunes da Silva
Vereador



CÂMARA DE VEREADORES DO MUNICÍPIO DE LEME
ESTADO DE SÃO PAULO



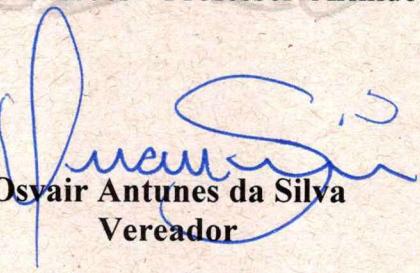
JUSTIFICATIVA

Pelo presente Projeto de Lei, o autor desta deseja ver modificada a denominação do aeródromo de Leme, não pelo fato de pensar que o atual não mereça a respeitada homenagem que lhe foi e é feita até a presente data, mas sim, pelo fato de que foi a Sra. Yolanda Penteado, quando de sua permanência em Leme, quem na verdade incentivou a prática de aviação civil e aerodesportiva desde o ano de 1958, quando Prefeito o Sr. Armando Coelho, pois foi quem realizou a doação da área onde até a presente data funciona o Aeródromo Municipal de Leme.

Na verdade, a Sra. Yolanda era amante da prática da aviação e desejava ver em nossa região de um Aeroclube, o que veio a ocorrer posteriormente.

Portanto, buscando a modificação da denominação do Aeródromo Municipal de Leme de Gilberto Rugger Ometto para Yolanda Penteado, apresento este Projeto de Lei aos meus Nobres pares, afirmendo ser este o desejo de todos os proprietários de hangares no local e dos amantes da aviação de toda a nossa região.

Sala das Sessões “Professor Arlindo Fávaro”, em 30 de janeiro de 2015.


Osvaldo Antunes da Silva
Vereador

REGISTRO

Registrado sob o nº de ordem 09/15
fls 110, do Registro de Processo nº 06
Leme, 02 de fevereiro de 20 15
Funcionário S

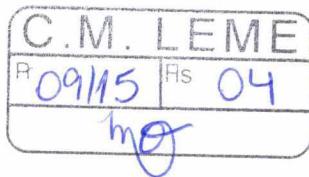
A Procuradoria Jurídica
para parecer em _____

PRESIDENTE



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE LEME

ESTADO DE SÃO PAULO



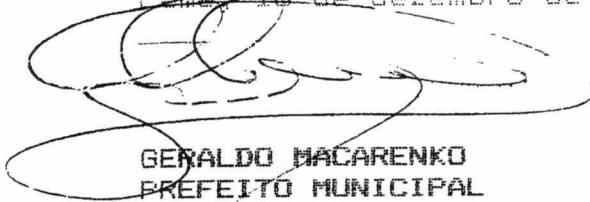
LEI nº 2243, de 18 de dezembro de 1.996.
Dá denominação ao aeródromo da cidade de Leme.

Faço saber que a Câmara de Vereadores aprovou e eu promulgo a seguinte Lei:

Artigo 1º- Fica denominado "GILBERTO RUGGER OMETTO", o Aeródromo da cidade de Leme.

Artigo 2º- Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

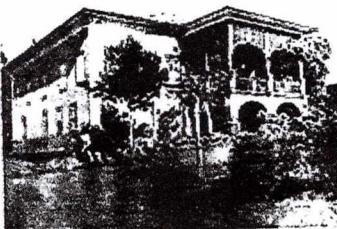
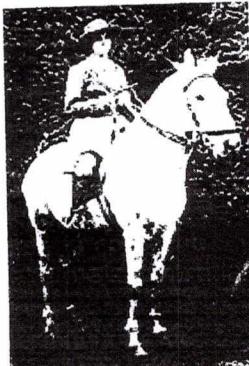
Leme, 18 de dezembro de 1.996.


GERALDO MACARENKO
PREFEITO MUNICIPAL

Caipirinha de leme

Ao contrário do apelido dado por Assis Chateaubriand, a esfuziante Yolanda Penteado revela-se uma mulher à frente do seu tempo em biografia de Antonio Bivar e na minissérie global Um só coração

C.M. LEME
09/15 Rs 05
mg



Yolanda a cavalo (pág. ao lado), a famosa Fazenda Empyreo, a atriz Gabriela, que é sobrinha-bisneta da biografada, e Antonietinha, a sobrinha

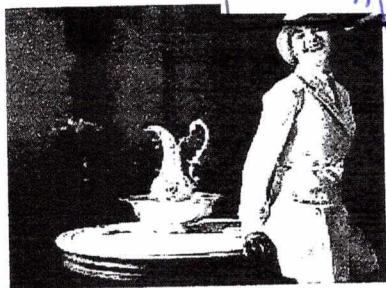
Luiza Villaméa

Yolanda Penteado (1903-1983) era uma mulher fabulosa. Seus contemporâneos jamais questionaram. Belíssima, aos 16 anos já arrasava corações, dispensando casamento com admiradores da estirpe do inventor Santos Dumont e da importância do jornalista Assis Chateaubriand. Inovadora, Yolanda também brilhou ao administrar com eficiência e dinamismo a Fazenda Empyreo, em Leme, interior paulista, onde nasceu. Dona de vasta cultura, usou seu talento e trânsito no cenário internacional para ajudar a montar a Bienal de Artes de São Paulo. Estas e outras facetas daquela que no momento é personagem da minissérie global *Um só coração* estão esmiuçadas de forma cativante na biografia *Yolanda* (A Girafa, 430 págs., R\$ 53), do escritor e dramaturgo Antonio Bivar. O livro tem como principal fonte a autobiografia *Tudo em cor-de-rosa*, que Yolanda publicou em 1976, pela editora Nova Fronteira. Entre outras pérolas, o livro conta com introdução de Sérgio Buarque de Holanda e prefácio de Gilberto Freyre, dois ícones da elite intelectual brasileira. Sobrinha da biografada, Maria Antonieta do Prado Cintra, a Antonietinha, 80 anos, já começou a ler a nova obra. E confessa estar preferindo a versão de Bivar. "É mais divertida", afirma.

A experiência de ver a família e a si própria no livro e na minissérie – seu nascimento foi ao ar recentemente – anda mexendo com as lembranças de Antonietinha. "Quando começo a ficar emocionada demais, tomo meio Lexotan", confidencia, referindo-se ao medicamento ansiolítico. "Meu médico disse que não faz mal." Os trabalhos sobre a tia famosa puseram em foco sua antiga caixa de fotografias, alvo da curiosidade de netos e bisnetos. Todos querem conferir a árvore genealógica da família, na qual outra mecenata ocupou lugar de destaque – Olívia Guedes Penteado, casada com um tio de Yolanda, Inácio Penteado. Uma das mais versadas no emaranhado familiar é a atriz Gabriela Hess, 28 anos, sobrinha-bisneta de Yolanda. "Na minissérie faço o papel da mãe da Antonietinha, que na verdade é minha tia-avó."

C.M. LEME
P 09115 RS 06
mjt

Em *Um só coração*, a trama que inclui personagens e episódios ficcionais é traçada pela trajetória da personagem vivida por Ana Paula Arosio. O roteiro de Maria Adelaide Amaral e Alcides Nogueira começa nos anos 1920 e vai até meados da década de 1950: "Yolanda é fascinante. E fica mais fascinante à medida que a conhecemos", comenta Maria Adelaide. Quando propôs o argumento à direção da Globo, a dramaturga lembra que não tinha essa dimensão. "A intuição me ajudou", diz. Famosa pela competência com que trata temas históricos, ela foi uma das pessoas que mais incentivaram Bivar a escrever a biografia. No prefácio, ele conta que já havia enchedo meio caderno escrito à mão – mais tarde passado para o computador – quando soube que a amiga preparava um roteiro televisivo sobre a personagem. "Agora vão pensar que só estou escrevendo o livro por causa da minissérie!", amargurou-se. No mesmo dia, porém, Maria Adelaide o convenceu a seguir em frente com o projeto sobre a Caipirinha de Leme, apelido dado a Yolanda por Chateaubriand.



Ana Paula relembrava a beleza da personagem no seriado da Rede Globo

Apesar de ter recusado o jornalista como marido, Yolanda permaneceu toda a vida ligada a ele, que construiu o primeiro império de comunicações do Brasil e, de quebra, criou o Museu de Arte de São Paulo (Masp). Além das artes, outra paixão que os unia eram as aeronaves. Yolanda, que também cultivou amizade com Santos Dumont até a morte do inventor do avião, em 1932, viajou incontáveis vezes a bordo dos teco-tecos de Chateaubriand. Nos anos 1940, quando o amigo lançou a campanha "Asas para o Brasil", fundando aeroclubes por todo o País, Yolanda doou um campo de aviação com 242 mil metros quadrados à cidade de Leme. Para inaugurar, 20 aviões aterrissaram na pista, um deles pilotado pelo príncipe dom João de Orleans e Bragança. "A coisa foi muito imponente, bem organizada, séria. Ao mesmo tempo, tudo era folclórico: os negros que rodeavam os aviões, os fazendeiros da redondeza, o pessoal da roça que nunca tinha visto um avião de perto", conta a própria Yolanda em *Tudo em cor-de-rosa*. "Foi preparado um festão para o povo que trabalhava na lavoura e um churrasco na Casa Grande para os convidados. Chateaubriand fez um discurso, dizendo aquelas coisas maravilhosas que ele tão bem sabia dizer."

A performance aérea, capitaneada por Chateaubriand a bordo de seu avião preferido, o Raposo Tavares, também é relatada por Bivar. De tão espetaculares, muitos episódios de *Yolanda* parecem obra de ficção. Caso da "festa brasileira" promovida na Fazenda Empyreo, no começo de 1954, como extensão do festival cinematográfico do IV Centenário de São Paulo. O acontecimento, inédito no País, movimentava a então provinciana São Paulo quando o chefe da delegação de Hollywood, Erik Johnson, perguntou a Yolanda se ela não poderia mostrar a fazenda aos artistas americanos. Empolgada com a idéia, resolveu receber todos os participantes do festival. Como anfitriã, ela era sempre superlativa. Ao prefaciar sua autobiografia, o historiador Sérgio Buarque de Holanda relembra que, certa vez, tentara mudar o horário de uma visita que faria à fazenda de Leme com professores estrangeiros de passagem pela Universidade de São Paulo. O intelectual ponderou que o encontro, marcado para as 11h, não permitiria a volta a São Paulo a tempo do almoço. "Pois se convidado é para almoçarem", respondeu Yolanda. "Mas não se pode, são 76 pessoas!", argumentou Holanda. "Se for 100, venham todos", foi a resposta.

Na festa preparada para a turma do cinema, Yolanda também esbanjou generosidade. Os convidados embarcavam na Estação da Luz, em São Paulo, em

C.M. LEME
R 09115 RS 07
m

vagões climatizados nos quais champanhe e uísque eram servidos à vontade. Quase 200 quilômetros depois, seguiam em ônibus-jardineiras rumo à Casa Grande da fazenda. O astro americano Errol Flynn, que já havia provocado desmaios na estação ferroviária de Leme, chegou tão animado que logo se atirou na piscina. Com a calça de linho molhada, foi um escândalo à parte. "O convite pedia que fôssemos de branco para os artistas se destacarem mais", lembra Antonietinha. "Tia Yolanda pensava nos mínimos detalhes."

Além de detalhista, ela era poderosa. Entre outros feitos, nos anos 1950 trouxe ao Brasil o painel *Guernica*, a mais famosa obra de Picasso, que retrata o bombardeio da cidade durante a guerra civil espanhola (1936-1939). À época, a obra se encontrava no Museu de Arte Moderna de Nova York, de onde nunca havia saído. As incursões de Yolanda pelo mundo artístico se deram principalmente por causa do seu segundo casamento com o industrial de origem italiana Francisco Matarazzo Sobrinho, o Cicillo Matarazzo. Ele foi um dos principais responsáveis pela criação da Bienal das Artes de São Paulo e do Masp. De acordo com a inspiradora de *Um só coração*, o museu foi totalmente planejado em 1947, durante uma temporada de sete meses que passou com Cicillo na Suíça, no sanatório de Schatzalp, quando ele se convalescia. Mais tarde os dois se separaram, mas continuaram amigos. O primeiro casamento de Yolanda Penteado havia sido com o quatrocentão Jayme da Silva Telles, mas, em *Tudo em cor-de-rosa*, ela foi superdiscreta sobre seus muitos amores. No livro recém-lançado, Antonio Bivar segue o mesmo caminho. Uma questão de elegância.

L E M E

FERNANDO MORAIS

lenda seria uma festa especial para Chateaubriand, pois a madrinha era sua eterna Paixão, Iolanda Penteado, que tinha construído e dado de presente à Leme, no interior de São Paulo (cidade onde ela tinha sua fazenda e que iria receber o aparelho), não apenas o prédio do aeroporto, mas também a pista de pouso para os treinamentos. Chateaubriand passou às nove da manhã na redação e viu que sua orientação tinha sido obedecida à risca: toda a metade superior da última página de *O Jornal* daquele dia era dedicada a convocar a população e as autoridades para o evento, saudado em título de oito colunas como "mais uma bela festa aviátoria na manhã de hoje". Antônio Carlos Vieira Christo, secretário de Dario de Almeida Magalhães, viu quando o jornalista passou na sala do seu chefe e convidou-o para irem juntos à cerimônia. Como Dario recusasse o convite ele acabou arrastando para o Laboratório Austregésilo de Athayde e Olímpio Guilherme, redator do jornal que tinha sido ator e diretor de cinema em Hollywood e vivera um romance com a intelectual comunista Patrícia Galvão, a "pagu", de São Paulo — um bonitão que era célebre entre as mulheres como "o homem que tem os mais belos dentes do Brasil".

Quando chegou ao aeroporto, estavam lá o ministro da Aeronáutica, Salgado Filho, a madrinha Iolanda, os doadores do avião, o príncipe herdeiro da Coroa brasileira, d. João de Orleans e Bragança (que era piloto naval), o jornalista francês Jacques Epstein, exilado no Brasil, um grupo de jovens oficiais da Aeronáutica reunidos em torno do tenente-coronel Márcio de Souza e Melo, o padre aviador Geraldo da Silva e Souza (que pilotaria o Augusto Severo até Leme) e vários fotógrafos e repórteres dos Associados. Chateaubriand mandou que Amâncio se afastasse do grupo e ficasse tomando conta de um garoto desacompanhado que ele convidara para a festa, Paulo Nonato, filho do juiz e consultor geral da República Orozimbo Nonato. Até a metade a cerimônia não foi em nada diferente das dezenas que já tinham acontecido naquele mesmo lugar: Primeiro falou alguém em nome dos doadores; depois foi a vez da madrinha Iolanda Penteado; depois do ministro, Chateaubriand encerrou a sessão de discursos: "Desejo em primeiro lugar expressar nosso agradecimento pela presença do ministro da Aeronáutica nesta festa e pela galanteria da senhora Iolanda Penteado, que veio ungir dos santos óculos de sua espiritualidade o batismo do novo aparelho...." Nem seu discurso deixaria de ser uma repetição de tantos outros que fizera em ocasiões idênticas.

Feito o batismo, apareceram os garçons com o champanhe. Chateaubriand tomou das mãos de um deles a bandeja, dobrou o guardanapo sobre o braço esquerdo e saiu servindo os convidados que se encontravam à sua volta. Uma taça para a madrinha, uma para o ministro, uma para cada um dos doadores presentes. Aproximou-se do grupo de oficiais da Aeronáutica,

CHATO, O RFI DO BRASIL

todos fardados, e com uma medida ofereceu-lhes uma taça. Um deles, alto e louro, tomou uma taça nas mãos e perguntou-lhe delicadamente:

— O senhor sabe quem sou eu?

Ele respondeu com um sorriso:

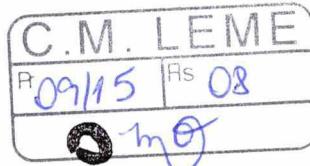
— Não, não sei. Quem é o senhor?

O jovem oficial respondeu de cara fechada:

— Eu sou o tenente Júlio Bockel, seu filho da puta! Sou irmão do Clito Bockel!

Nem acabou de falar e, num gesto instantâneo que sem dúvida ensaiara, com mão esquerda jogou a taça de champanhe nos olhos do jornalista e com a direita aplicou-lhe violento murro no olho esquerdo. Apesar de sua resistência de remador, Chateaubriand percebeu instintivamente que o homem que o agredia era pelo menos vinte centímetros maior que ele. Largou a bandeja com garrafa e taças no ar, enfiou a mão na cintura e tirou o revólver, que já saiu do coldre disparando. Com um olho obscurecido pelo sangue que jorrava de sua sobrancelha e o outro ardendo e semiaberto pelo champanhe, viu que duas balas tinham atravessado a batina do padre. Desabou no chão atirando mais uma, duas, três vezes. Ao ver um vulgo avançar sobre seu corpo ainda caído, mirou na cabeça. Chateaubriand disparou e viu a bala entrar na boca do agressor. Os guarda-costas de Salgado Filho regaram o jornalista para o banco de trás do carro do ministro e arrancaram em disparada. A festa de batismo do Augusto Sevcyco estava terminada.

6 1º aviôno · 0 L E M E
6 1º aviôno · 0 L E M E
AERO PORTO CAMPYRÉO
AEROPORTO CAMPYRÉO



A receita que ele tinha na cabeça era simplíssima: pedia-se a um milhão (ou a um grupo deles) que doasse um avião de treinamento. Os associados se encarregariam de cobrir o doador de elogios (e reportagens, e fotos) e cada avião seria batizado com o nome de um vulto ilustre — que poderia ser o pai, a mãe ou um antepassado qualquer do mecenaz que tivesse pago a conta do aparelho. Cada batismo seria uma cerimônia pública, com chamarrete, banda de música, discursos — e mais a garantia da cobertura do ato por todos os órgãos Associados. O rico que se recusasse a contribuir entrava para a temida lista negra dos inimigos de Chateaubriand. Às gargalhadas, ele festejava antecipadamente o sucesso do empreendimento.

— Não há vaidade humana que resista a tanto confete, Salgado. Só não dará aviões para nós quem for teso, estiver morrendo de fome. Vai ter gente vai vender a casa para comprar um monomotor para a nossa campanha. Dito e feito. No dia 22 de março de 1941 o aeroporto da Ponta do Calabouço se engalanava para o batismo solene do primeiro avião, o Regente Feijó, um Piper Cub doado por Samuel Ribeiro para o aeroclube de Pelotas, no interior do Rio Grande do Sul. A cobertura da festa foi tão feérica que no dia seguinte aparecia o segundo avião: o pernambucano Othon Lynch Bezerra de Melo doava o Duque de Caxias, um monomotor de três lugares, que seria destinado ao aeroclube de Caxias do Sul, também no Rio Grande. Mais festejada, mais artigos incansando o doador e no terceiro dia o industrial Manuel Ferreira Guimarães, presidente da Associação Comercial do Rio, enviaava voluntariamente a Chateaubriand o cheque para pagar à Mesbla a fatura do Tiranentes, que seria entregue ao aeroclube de São José do Rio Preto, no estado de São Paulo. E assim foram sendo batizados o Júlio Mesquita, o Capitão O'Reilly, o Guia Lopes, o Antônio Mostardeiro Filho. Quem visse uma cerimônia de entrega de avião poderia dizer que tinha visto todas: com os portões do Calabouço abertos ao público e aos convidados, o doador fazia um discurso. Depois falava um representante da família do homenageado com o nome do avião. Ai era a vez de falar o ministro Salgado Filho, sem cuja presença a cerimônia não se realizaria. Por último falava Chateaubriand, cujas palavras sairiam no dia seguinte em todos os órgãos Associados sob a forma de artigo. Para encerrar a cerimônia, o padrinho ou a madrinha (que não precisava ser obrigatoriamente o doador ou alguém ligado a ele) jogava champanhe na hélice do aparelho, e garçons engravatados serviam a bebida em taças aos presentes. Quando estava de bom humor, Chateaubriand tomava a bandeja de um dos garçons, dobrava o guardanapo sobre o braço esquerdo e se encarregava, ele mesmo, de servir a primeira rodada de champanhe aos convidados mais ilustres. Em maio, sessenta dias depois de batizado o Regente Feijó, o jornalista iria ao Palácio do Catete convidar o presidente da República para batizar o Getúlio Vargas, o centésimo avião doado à campanha.

Simultaneamente às festas nos aeroportos — pois os batismos não aconteciam apenas no Calabouço, mas se multiplicavam por todo o país —, Chateaubriand continuava travando a batalha judicial pela posse da filha. Os meses se passavam e a única segurança que ele tinha era a solidariedade de Nelson Hungria, que resistia a todos os recursos interpuestos pela mãe. Enquanto o despacho de Hungria estivesse em vigor ele tinha a garantia de que Teresa não seria levada por Corita e Bockel, mas aquela era uma situação precária, que não poderia durar para sempre. Como tinha sido Corita, e não ele, a reconhecer e registrar a filha, a legislação em vigor não clava margens a dúvida. O artigo 16 do decreto-lei 3200 (que dispunha sobre a organização e proteção da família) era cristalino: "O pátrio poder será exercido por quem primeiro reconheceu o filho, salvo destituição dos casos previstos em lei". Com boa vontade, muito esforço e uma certa dose de sorte, o máximo que Chateaubriand poderia conseguir seria que Corita fosse destituída do pátrio poder sobre Teresa (e este era o objetivo da guerra judicial em que ele se metera). Mas, mesmo que fosse vitorioso, isto não significaria qualquer chance de passar *ele* a ter o pátrio poder, uma vez que, como não a registrara, oficialmente não era nada de sua filha.

O que preocupava Corita é que, ao entrar numa disputa, mesmo que fosse na Justiça, Chateaubriand não tinha meias medidas. Ela própria fora testemunha disso no caso de Oscar Flues. Nem depois de ter mandado o cangote castrar o industrial a tiros o jornalista se deu por vingado ou satisfeito. Entrou com uma ação na Justiça para receber o que imaginava ser a indemnização que o industrial lhe devia pela perda da posse, por um ano, de *O Jornal*. Três anos depois de levar duas balas nos escrotois, Flues acabou aceitando um inacreditável acordo proposto pelos advogados, pelo qual ele pagaria a Chateaubriand duzentos contos de réis de indemnização — dinheiro que, por exigência do jornalista, deveria ter a seguinte destinação: cinquenta contos iriam para as obras sociais do Hospital Alemão (o mesmo que salvo a vida do industrial); cem contos seriam depositados na conta da Colônia de Férias para Crianças Pobres de Santos; vinte contos, para a Casa do Jornalista, da Associação Paulista de Imprensa; dez contos, para a Companhia de Caridade Reverendo Padre Venâncio, do Rio de Janeiro; cinco contos, para a Santa Casa de Misericórdia de Belo Horizonte; cinco contos, para o sr. Antônio Prudente, da Associação Paulista de Combate ao Câncer; cinco contos, para o Instituto Dom Bosco, na Paraíba; os cinco contos finais seriam depositados na conta do sr. Francisco Martins dos Santos, res

C.M. LEME
P 09/15 HS 09
m/9

JUNTADA

Em 02 de fevereiro de 2015

Faço juntada a estes autos dopaneau
jurídico: _____

Funcionário mG



CÂMARA DE VEREADORES DO MUNICÍPIO DE LEME
ESTADO DE SÃO PAULO

C.M. LEME	
P 09115	Rs 10
1/2	

PROJETO DE LEI nº 05/15

EMENTA: Altera a denominação do Aeródromo Municipal Gilberto
Rugger Ometto".

AUTORIA: Vereador Osvair Antunes da Silva

PARECER

Senhor Presidente.

O presente Projeto de Lei é legal, está bem redigido
e instruído, portanto, em condições de iniciar a sua tramitação pela Casa.

S.M.J. era o que tínhamos a opinar.

Sala da Assessoria Legislativa "Dr. Waldir José Baccarin",
em 02 de fevereiro de 2.015.

Lisânia Cristina Alves De Carli Azevedo de Góis
Procuradora Jurídica

Ao Expediente

212 /20 15

PRESIDENTE

A(s) Comissão(ões) de:

C.J.F.

O.F.C.

O.S.P.

S.E.C.L.T.

P.U.O.P.S.

Em 2121/15

VISTA

Em 3 de 2 de 2015

Com vista à Comissão

Funcionário

JUNTADA

Em 04 de fevereiro de 2015

ação juntada a estes autos do parcer
dar comissão

Funcionário



CÂMARA DE VEREADORES DO MUNICÍPIO DE LEME
ESTADO DE SÃO PAULO

C.M. LEME
Pr 09/15 Rs 11
mjt

PROJETO DE LEI ORDINÁRIA N° 05/2015

EMENTA: Altera denominação do Aeródromo Municipal "Gilberto Rugger Ometto" para "Yolanda Penteado".

AUTORIA: Vereador Osvair Antunes da Silva

PARECER DA

COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO, JUSTIÇA E REDAÇÃO

E

COMISSÃO DA SAÚDE, EDUCAÇÃO, CULTURA, LAZER E TURISMO

As comissões de *Constituição, Justiça e Redação* e de *Saúde, Educação, Cultura, Lazer e Turismo*, reunidas na Sala das Comissões "Palmiro Ferreira Vieira", analisando o presente projeto de lei ordinária, apresentam seu relatório, do qual fazem constar, também, seus respectivos votos, a saber:-

1 – Pelo projeto de lei ordinária em estudo, o vereador Osvair Antunes da Silva pretende, com a esperada aprovação do Plenário desta Casa de Leis, se proceda a alteração da denominação do aeródromo municipal "Gilberto Rugger Ometto", nomenclatura recebida pela Lei Municipal nº 2.243/96, para o nome de "**Yolanda Penteado**".

2.] – Argumenta o Nobre Vereador proponente, de forma respeitosa, visando o procedimento da alteração almejada, não invocar qualquer dúvida quanto à ilustrada pessoa homenageada, pela Lei Municipal nº 2.243/96, "Gilberto Rugger Ometto", mas sim, levado única e essencialmente pelo fato de que a Sra. Yolanda Penteado, quando de sua permanência em Leme, foi quem na verdade incentivou a prática da aviação civil e aerodesportiva, atitude que perdurou até administração municipal do então Prefeito Armando Coelho, por volta do ano de 1.958, inclusive efetuando a doação da área onde hoje ainda abriga o aeródromo. Esse comportamento da Sra. Yolanda, abnegada praticante da aviação, veio a ser coroado, posteriormente, com um outro seu desejo, o da criação de um Aeroclube em nossa região.

3] – O vereador proponente do projeto de lei em análise arremata sua justificativa atestando, com firmeza, ser o desejo e a vontade de todos os proprietários de hangares existentes no local e de todos os apreciadores da prática da aviação de toda nossa região, a mudança da nomenclatura do aeródromo na forma proposta: Aeródromo Municipal "**Yolanda Penteado**". Ademais, a benemerência da pretendida homenageada é conhecida e reconhecida pública e notoriamente em nosso município.



CÂMARA DE VEREADORES DO MUNICÍPIO DE LEME

ESTADO DE SÃO PAULO

C.M. LEME
Pr 09/15 Rs 12
m9

4.] – **Comissão de Constituição, Justiça e Redação**

não vê óbice para a normal tramitação deste projeto de lei, mesmo porque não afronta nem à Constituição, nem a Lei Orgânica do Município de Leme e tampouco qualquer outra legislação pertinente à proposta nele contido.

5.] – Aliás, é bom esclarecer que a proposta de lei apresentada, ora analisada, mesmo desguarnecida da exigência prevista na Resolução nº 134/90, ou seja, Instruída com o resultado de pesquisa feita com proprietários dos imóveis situados, no caso, na área do aeródromo, é perfeitamente legal, pois, dada a inexistência de "imóveis" em sua periferia, essa medida, a mudança de nome do aeródromo, retrata fielmente o desejo e a vontade de todos os proprietários de hangares existentes no local e da grande maioria dos apreciadores da prática da aviação de toda nossa região. Essa manifestação, por si só, supre a exigência abordada, mesmo porque é princípio da valoração da prova o conceito legal de que "não dependem de prova os fatos notórios" (CPC, art. 334, inciso I).

6.] – Por seu turno, a **Comissão de Saúde, Educação, Cultura, Lazer e Turismo**, reconhecendo o interesse público visado, que é o de prestar justa homenagem à pessoa de Dna. Yolanda Penteado, que muito fez por Leme, não só na área da aviação, como também em outras áreas, inclusive e principalmente no campo do social e da saúde, se manifesta **FAVORÁVEL À APRECIAÇÃO DESTA PROPOSTA** de lei ao PLENÁRIO desta, Casa.

Pela Comissão de Constituição, Justiça e Redação:

Maria Izabel Aparecida Parolim
Presidente

Eduardo Leme da Silva
Vice-Presidente

Osvair Antunes da Silva
Secretário

Nivaldo Aparecido de Begnamia
Presidente

João Marcos Demétrio
Vice-Presidente

Adenir de Jesus Pinto
Secretário

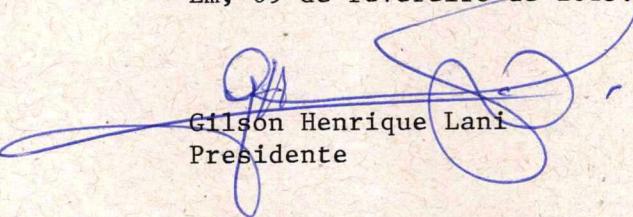
A Ordem do Dia

09/2/2015

~~PRESIDENTE~~

PROJETO DE LEI Nº 05/15, aprovado por 15 (quinze) votos favoráveis
e 01 (um) contrário, em 1^a e 2^a votação.

Em, 09 de fevereiro de 2015.


Gilson Henrique Lani
Presidente



CÂMARA DE VEREADORES DO MUNICÍPIO DE LEME
ESTADO DE SÃO PAULO

C.M. LEME
09/15 HS 13

REDAÇÃO FINAL

Projeto de Lei nº 05/15, altera a denominação do Aeródromo Municipal Gilberto Rugger Ometto.

Artigo 1º - O Aeródromo Municipal de Leme , hoje chamado “Gilberto Rugger Ometto” por força da Lei nº 2.243, de 18 de dezembro de 1996, passa a denominar-se “**Yolanda Penteado**”.

Artigo 2º - Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação revogando as disposições em contrário, em especial a Lei nº 2.243/96, mencionada no artigo 1º desta Lei.

Leme, em 10 de fevereiro de 2015.

Gilson Henrique Lani
Presidente